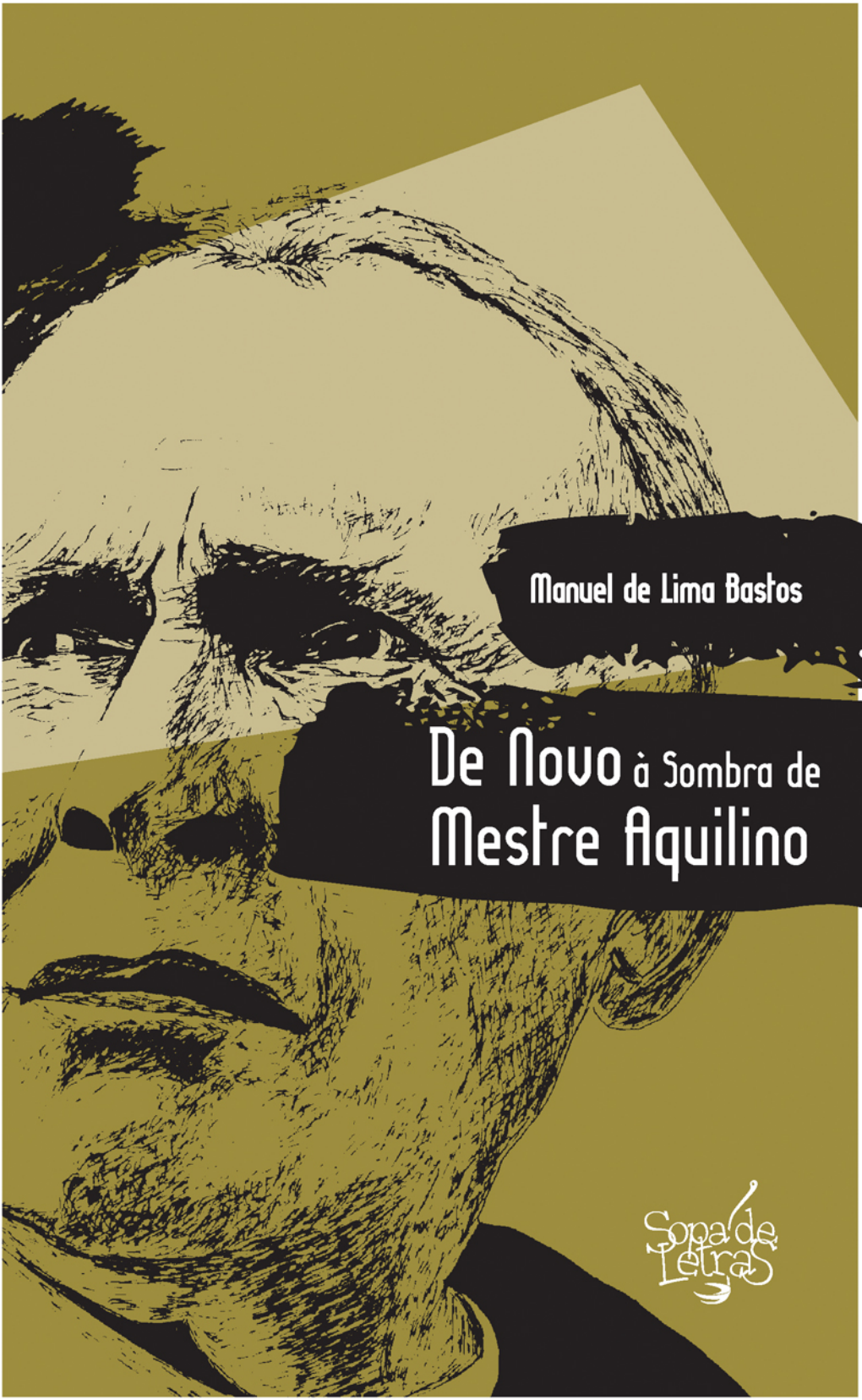

Manuel de Lima Bastos
De Novo à Sombra de Mestre Aquilino
Sopa de Letras

De Novo à Sombra de Mestre Aquilino

A publicação de

De Novo à Sombra de Mestre Aquilino

teve o apoio de

Título
De Novo à Sombra de Mestre Aquilino

Autor
Manuel de Lima Bastos

Edição
Sopa de Letras, Cascais
1.ª edição – Outubro de 2010
© Princípia Editora, Lda.

***Design* da Capa** Maia Moura Design
(Aquilino Ribeiro sob gravura do pintor Orlando Silva)
Execução Gráfica Tipografia Lousanense

ISBN 978-972-8708-58-0 • **Depósito Legal** 315330/10

Sopa de Letras
Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal
Tel. +351 214 678 710 • Fax +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.sopadeletras.com.pt

Manuel de Lima Bastos

De Novo à Sombra de Mestre Aquilino

Sopa de Letras

Para os meus netos Eduardo Luís, Manuel Maria, Guilherme e Tomás, companheiros de aventuras que alegram a solidão dos meus últimos anos e que trago ao peito como se fossem um ramilhete de amores-perfeitos, cada um com as suas cores, ficam estas páginas que escrevi molhando a pena no tinteiro do afecto mais entranhável.

PREFÁCIO

Era capaz de jurar pelas alminhas do purgatório que, a fazer fé nas pinturas dos retábulos que antigamente nos apareciam pelos caminhos velhos envoltas em chamas a pedir orações como quem pede pão para a boca, não voltaria a escrever outro livro sobre Mestre Aquilino. Jurava falso.

Então porque carga de água aparece agora este, legítimo descendente do pai a que chamei *À Sombra de Mestre Aquilino* e de mãe incógnita e que por honra daquele herda os apelidos *De Novo à Sombra de Mestre Aquilino*?

A propósito de um outro livro meu – *Itinerário da Vida de Um Homem Comum* – de carácter biográfico e memorialista que ia ser apresentado em Lisboa, pedi ao meu muito prezado colega Dr. José Manuel de Vasconcellos, que havia sido o presidente do júri que tinha atribuído o Prémio Literário de 2009 da Ordem dos Advogados à minha primeira obra sobre Aquilino Ribeiro, o subido favor de fazer a respectiva análise literária.

Aceitou e desempenhou o encargo com o brilho e a sabedoria que se lhe reconhecem mas com o senão importante do excesso de benevolência na sua apreciação. Do trabalho que teve e do tempo que lhe fiz perder nas suas operosas actividades me penitencio e me confesso devedor mas infelizmente impossibilitado de pagar.

De modo que, quando me pediu um texto sobre Aquilino Ribeiro para publicar na revista *Foro das Letras* que proficientemente dirige

em parceria com o poeta António Osório, não só não tive como me furtar à empreitada como agradeci a oportunidade de abater esse nada à dívida que para com ele tenho em aberto.

Mas que não tinha a intenção de voltar a escrever sobre Aquilino Ribeiro é facto que considerava mais que certo.

Como a encomenda do sermão viera com a advertência de que não convinha que o tamanho excedesse as quinze a dezoito páginas e teria de fazer a sua entrega até final de Janeiro de 2010, meti mãos à obra e dei ao texto o título de *Pela Beira Alta no Rasto de Aquilino Ribeiro*. Mal me precatei, tinha os fólios a exceder o limite que me fora indicado e ainda não saíra de Vila Nova de Paiva, primeira das comarcas das *Terras do Demo* aquilinianas para aqueles que entram no planalto central da Beira vindos de viagem desde o litoral.

Pensei, metendo os polegares nos bolsos do colete que não uso: se Vila Nova de Paiva deu um capítulo, os outros concelhos da Beira Alta ligados ao Mestre – Viseu, Sernancelhe, Moimenta da Beira, Sátão, Aguiar da Beira e Lamego – e ainda o concelho de Paredes de Coura, situado lá para o Alto Minho e que está relacionado com o escritor por causa da obra *A Casa Grande de Romarigães*, darão mais uns quantos capítulos versando temas aquilinianos relativos a cada uma dessas geografias.

Com mais um ou dois tratando temas gastronómicos – pois ainda há muito que forragear na obra do escritor – outro sobre a polémica célebre que Aquilino travou com o meu conterrâneo D. Sebastião Soares de Resende, primeiro bispo da Beira, nas páginas do suplemento literário do jornal *Novidades*, mais qualquer coisa que trazemos a chocalhar na cabeça quando andamos a sonhar acordados pelas ruas e um posfácio para verter duas lágrimas de crocodilo no ombro do pio leitor em jeito de despedida, até mais logo se nos virmos e aí temos outra obrinha sobre o maior, melhor e mais virtuoso prosador que a nossa língua já teve a par com Camilo Castelo Branco.

Meu dito, meu feito, o resultado está aí para ser lido e folgo, se for caso disso, que a leitura traga o mesmo prazer que alguns, muitos mais de que eu julgara possível que existissem e se interessassem por estas frivolidades, tiveram com a leitura de *À Sombra de Mestre Aquilino*.

Aconteceu que, para manter o formato e tamanho idênticos aos desse primeiro livro, tive de cortar algumas matérias que darão, *juvante Deo*, para uma terceira e última obra sobre Aquilino na qual serão incluídos os concelhos que agora não pude abarcar – Viseu, Lamego, Lisboa, Paredes de Coura e mais uns quantos.

De minha parte penso que com esse futuro terceiro livro encerro uma época da minha vida que já começa a não consentir a ansiedade de passar dez, doze e mais horas por dia a lutar contra as estuporadas das palavras, a acordar e levantar-me estremunhado ainda o céu não pôs a máscara de açucena prestes a abrir e a madrugada não raiou em casa de Deus, só porque me acudiu uma ideia ou porque me deu na gana concluir um capítulo que me andava atravessado nos gorgomilos e, como os burros, não se mexia nem para trás nem para a frente.

Serão por certo inconvenientes de quem se meteu nestas andanças sem a devida e indispensável rotina do ofício mas a verdade é que, na idade em que me encontro, o trabalho persistente já pouco me diverte e a comédia começa a perder a graça inicial.

Se ninguém me encomendou o recado, que aliás poucos me agradecem, pergunto-me que ando a fazer, já um pouco trôpego e cansado, metido nestas batalhas e não me deixo estar no meu ripanço a ver para onde discorrem as nuvens e a ouvir o canto dos pássaros.

É que nisto de horários do trabalho consigo ser ainda mais madrugador do que era o meu Mestre Aquilino Ribeiro pois aí por volta das cinco horas e pico da madrugada já estou na frente do computador a dar voltas ao juízo e a esgrimir contra as palavras, interrompo uma meia hora por volta das oito para tomar um café nas redondezas e retomo a tarefa até ao meio-dia, altura em que considero que o dia está ganho.

Umas vezes bem ganho porque rendeu umas nove ou dez páginas, outras mal ganho porque me vi grego para alinhavar apenas duas ou três que, ainda por cima, às vezes *no me suenan*, como dizem os nossos vizinhos espanhóis. Só mesmo por toleima que já não tem cura!

Capítulo Primeiro

À SOMBRA DE MESTRE AQUILINO: HISTÓRIA DE UM LIVRO

Depois de vários anos de deambulações com alguns amigos, e mais tarde com a família, pelas terras altas da Beira de Mestre Aquilino, ora subindo ora descendo mas sempre à volta das serras da Lapa e da Nave que são a alma e o cerne da geografia que o escritor quase invariavelmente transpôs para a sua obra, deu-me para escrever, uma vez que não me ensinaram a arte de um meu bisavô que era exímio em fabricar gaiolas para grilos, o que viesse ao bico da pena electrónica sobre a leitura, repetida uma e outra vez sem enfado, da meia grosa de livros que deixou para glória da literatura portuguesa.

Comecei por umas croniquetas que publiquei num jornal de província e numa revista cultural chamada *VILLADAFEIRA* em homenagem ao velho nome das Terras de Santa Maria da Feira donde provenho e que comete a anormalidade de perdurar vai para dez anos, idade tão longeva que faz abrir a boca de espanto a quem sabe quão fugaz e transitória é a vida deste género de publicações.

Depois dei-me ao trabalho de corrigir, refazer e ampliar esses textos. Com isso e mais meia dúzia de novos capítulos fiquei com o livrinho pronto e à espera que dos aposentos celestiais, onde descansam os que ali chegaram com as mãos a cheirar a tinta de impressão,

me caísse o editor providencial a dizer: deita cá para fora essa obra-prima que tens guardada na gaveta para que, com a sua publicação, dela possa fazer presente magnífico ao grande público para seu gáudio e suma ilustração.

Como tardava em aparecer esta espécie de príncipe encantado na classe dos editores cansei de esperar pelo ignoto arroteador da seara cultural e pensei em fazer, rapando o cotão dos bolsos menos que remediados, modesta edição de autor para distribuir pela família, amigos e conhecidos.

Estava nesta indecisão quando pessoa amiga com quem mantenho relações de convívio e cordialidade há algumas dezenas de anos e tinha feito o favor de ler e gostar do meu texto me disse: – Dê-me um exemplar do seu livro que vou apresentá-lo na Porto Editora.

Esse meu amigo é o Dr. Pedro Almiro Neves, transmontano de fibra que veio lá dos altos de Mirandela para o Porto e, não se acanhando de cuspir às mãos ambas tanto no professorado como na publicação de livros escolares para os ensinos básico e secundário – justamente na Porto Editora onde é autor querido e respeitado – ergueu casa que se visse além do muito mais que tem ao luar, tudo como resultado do esforço que não conheceu descanso e do mérito próprio. Hoje também é um dos manda-chuvas do ISMAI, instituto universitário dos mais bem sucedidos do país.

O Dr. Almiro Neves não fez a coisa por menos: em vez de falar com os santos foi logo falar com Deus que, no caso da Porto Editora, é o Eng. Vasco Teixeira a quem entregou a minha obrinha para ver se interessava a sua publicação. Este ter-lhe-á dito que, se fosse livro escolar, ele mesmo decidiria.

Como se tratava de texto da área literária seria submetido ao parecer de um Conselho Editorial que desempenha o papel de guardião Cérbero que diz quem pode entrar para o templo, sagrado entre todos, da edição ou quem fica à porta sem apelo nem agravo.

Prometeu que em quinze dias teria uma decisão e cumpriu honradamente pois dentro do prazo recebi uma carta da Porto Editora. Quando me chegou às mãos, desacompanhada do exemplar do meu texto, ainda me acudiu a hipótese de que fora aceite para publicação.

Mas não: com inexcedível delicadeza o Eng. Vasco Teixeira teve a cortesia de me comunicar, antes que me fosse devolvido o exemplar do meu livro, que o dito Conselho era de opinião que, por razões de mera natureza comercial, não recomendavam a sua edição muito embora reconhecessem *que se tratava de projecto de inegável qualidade* pelo que faziam votos para que fosse encontrado editor mais vocacionado para a publicação deste tipo de obra a qual *certamente engrandeceria o património artístico nacional*. Ufanei-me com as palavras alentadoras embora dando bem conta do exagero da amabilidade!

É claro que não pude deixar de agradecer ao Eng. Vasco Teixeira a rapidez da resposta e a extremada delicadeza da sua carta mais que não fosse porque muitas vezes o pedinte bate à aldraba da porta e, não contentes em lhe negar a esmola, ainda por cima o fazem esperar de chapéu na mão.

O que não foi o caso e pela brevidade em decidir não só lhe fiquei reconhecido como, quando o livro saiu a público, lhe enviei um exemplar com dedicatória na qual consignava essa sincera gratidão.

Mas o certo é que, em dias da minha vida e quando já vejo o sol a desaparecer no ocaso, não me lembro de ter levado um pontapé no rabo com tamanha urbanidade e ainda por cima me sentir obrigado a agradecer como manda a boa educação.

Havia que lançar a rede para outro lado não se desse o caso de me saírem ao caminho os fiscais dos impostos acusando-me de sonegar obra que pertencia ao património artístico da nação.

Eu tenho um amigo, o Dr. Manuel Afonso Strecht Monteiro, filho do Dr. Alcides Strecht Monteiro de quem fui afilhado e tive a honra de ser sócio na advocacia, que muito considero. Em sua casa, onde era visita habitual, encontrei algumas vezes mas sem estabelecer laços de qualquer espécie de intimidade, o Dr. António Reis, professor da Universidade Nova de Lisboa e actual Grão-Mestre da Maçonaria.

Atrevi-me a pedir ao meu amigo Strecht Monteiro se o convencia a interessar-se junto de alguma editora de Lisboa pela publicação do meu livrinho no convencimento de que este género de intelectuais – que Woody Allen tinha classificado, com certa ironia benévola, como uma espécie de *avis rara* que tinha descoberto forma de ocupação

mais interessante do que fazer sexo – saberia navegar pelos mares procelosos dos interesses editoriais e encontrar o *abre-te sésamo!* que resolveria o meu problema.

O meu amigo desde logo me preveniu que, uns anos antes, tinha pedido ao Dr. António Reis favor idêntico ao que agora eu pretendia e que o homem tinha posto como condição prévia ler a obra em causa. Leu e a resposta veio cortante: isto é pura e autêntica caca pelo que não mexerei um dedo para a fazer vir a lume. No meu caso fez a mesma precisa exigência de apreciação antecipada do livro pelo que lhe fiz chegar, por via electrónica, o meu texto *À Sombra de Mestre Aquilino.*

Talvez devido aos seus múltiplos afazeres a resposta tardou coisa de dois meses mas, louvado seja Deus! – isto se o leitor mais melindroso permite que um agnóstico invoque o nome de Deus em vão – o Dr. António Reis gostou da obrinha e, com adjectivação superlativa, apreciou-a nos seguintes termos: *Só agora pude consagrar algum tempo às suas crónicas aquilinianas. Confesso-lhe que gostei da sua prosa ágil e elegante hoje tão rara, sobretudo nas gerações que nos sucedem. Mestre Aquilino certamente a teria apreciado também… O retrato que nos dá da personalidade e da obra do grande escritor não poderia ser mais justo e fiel.*

O Dr. António Reis lá terá dado as suas voltas e feito as suas diligências – pelo que lhe confesso imperecível reconhecimento – mas acabou por me comunicar o que eu já calculava: que *o comércio livreiro está nivelado por baixo* (a expressão é dele) e ninguém pega no que não der garantia de escoamento comercial, isto é, que pareça perfeitamente adequado para arder na pira acesa ao *moloch* implacável que rege os gostos do público.

Não posso deixar de dar razão aos editores: quando vemos inquéritos de rua feitos pelas televisões a propósito dos assuntos mais correntios do dia-a-dia e as respostas que as pessoas dão (muitas frequentando o ensino superior), fica-se com um panorama assustador do grau de literacia do país. Porque diabo de razão esta gente iria comprar um livro sobre Aquilino?

E a verdade é que a lei inexorável do mercado se sobrepõe a tudo o mais sob pena de as empresas que não conseguem escoar os

seus produtos, sejam eles livros ou outra mercadoria, entregarem rapidamente a alma ao Criador.

Ainda me aconselhou o Dr. António Reis a tentar interessar na publicação a Confraria Aquiliniana dizendo-me que era precisamente este tipo de entidades que deveriam promover a sua edição e oferecendo-se para dar uma palavra ao seu colega Prof. Dr. João Silva de Sousa, director de *Letras Aquilinianas*, revista editada por aquela confraria.

Tive de o pôr ao corrente que era confrade da instituição, que conhecia o seu colega director da revista na qual já publicara dois textos e que a dita cuja confraria era cavalgadura de cinco libras que partira a perna e se encontrava nas vascas da morte à espera que lhe dessem o golpe de misericórdia acabando-lhe com o sofrimento e a vida atribulada.

Depois de buscas trabalhosas para descobrir os endereços electrónicos de três ou quatro figurões que passam por aquilinianos de mão cheia, ao menos por terem conezias no mundo editorial, enviei-lhes o meu texto e pus-me à sombra a ver de que lado soprava o vento na mais que ilusória espera de resposta. Nem uma só para amostra recebi, sequer para acusar a recepção do trambolho.

Outras pessoas, ligadas por isto ou por aquilo às belas letras e a quem por desfastio contei a guerra aberta em que andava envolvido contra tais moinhos de vento, deram-me o conselho avisado que ainda por cima não lhes custava nada: – Homem, você não escreve mal mas o tema é que não é atraente nos dias de hoje muito embora aqueles que dizem perceber desta classe de podas achem que tem o seu mérito. Porque não se dedica a coisas mais actuais como, por exemplo, escrever sobre figuras públicas ou jogadores de futebol? Além da notoriedade e de lhe virem mendigar a prosa, às tantas ainda descobre o caminho para o filão de ouro do sucesso e acaba por encher os bolsos!

Aquilino no seu tempo chamava *pedibola* ao futebol – não sei se foi ele que inventou o palavrão – mas o que não podia adivinhar era que hoje os seus praticantes se tornam de imediato figurões de primeira plana, tão importantes ou mais que os potentados do petróleo, quando são dotados do fantástico talento de enfiar uma bola de couro

nos cornos da lua e descobrem especialistas competentes para lhes vender a imagem e outras coisas mais subtis.

Não me desmanchei reconhecendo que pela boca sábia das modernas sibilas falavam os deuses que superintendem nestas coisas mas, *in mente*, mandei-os para a puta que os pariu com o perdão das respectivas progenitoras que, por certo, são todas matronas honestas e de porte irrepreensível se exceptuarmos as que, vez por outra, dão o seu coice.

E como ainda tenho uma côdea de pão que reservei no canto do açafate para comer quando, pensando no desplante, se me abre o apetite, fiquei-me na minha e persisti em espremer os miolos escrevendo as mesmas pachouchadas.

* * *

Foi por esta altura que vim ao conhecimento da existência do Prémio Literário da Ordem dos Advogados ao qual resolvi apresentar a obra já que não divisava outro meio menos aleatório de conseguir a sua publicação. As condições eram leoninas mas não tinha alternativa: o concorrente tinha de abrir mão dos direitos autorais por dez anos e, caso lhe saísse a taluda do prémio, a recompensa consistia na publicação do livro e no regalo ao autor de cinquenta exemplares para oferecer à família e aos amigos.

Responsei o livrinho ao seráfico Padre Mestre S. Francisco de Assis, a quem me agarro com unhas e dentes quando preciso de favor gordo, segui em frente e tive a sorte de o júri composto pelo escritor José Manuel Mendes, pelo director editorial da Princípia Lda., Henrique Mota, e por José Manuel de Vasconcellos que presidiu em nome da Ordem dos Advogados (do qual ignoro por completo a proficiência como advogado mas que me deu a impressão de fazer mais gosto em tratar de coisas literárias do que em passear-se pelos meandros áridos do direito) acharam que o meu texto era digno da honraria.

Fundamentaram o veredicto na *qualidade da escrita, fluente e sugestiva, proporcionando uma leitura agradável e informativa bem como no excelente domínio e conhecimento da matéria tratada.* Foi a motivação que encontraram para justificar a atribuição do prémio e não me compete discuti-la.

Saiu o livro sob a chancela *Sopa de Letras* daquela editora e durante a fase de preparação da edição tive oportunidade de contactar repetidamente com seu director Dr. Henrique Mota e alguns dos seus colaboradores a quem massacrei vezes sem conta por causa de pequenas correcções e aperfeiçoamentos no texto de última hora. A tudo se prestaram com inexcedível boa vontade e, se melhor não ficou a obra, a culpa é exclusivamente minha.

Recordo até que numa das mensagens electrónicas que fomos trocando me permiti comentar que, uma vez que fora compelido a abrir mão dos direitos de autor durante dez anos para poder concorrer ao prémio, era o primeiro a fazer votos para que o meu livro fosse o deus Midas que proporcionasse à editora enriquecer enchendo as arcas à sua custa.

O Dr. Mota respondeu no mesmo tom de brincadeira amável informando-me que ainda não seria desta vez que ficariam ricos mas que a edição da minha obrinha lhe dera, não só a ele como aos seus colaboradores, tanto prazer que se sentiam mais que recompensados com sua publicação.

E eu, velho e desenganado misógino que nada espera do seu semelhante e do qual se põe sempre a prudente distância, fiquei a saber que ainda existe gente desta que, sendo editores livreiros que naturalmente têm de almejar sucesso económico para sobreviver num mundo que implacavelmente elimina do mercado os que não se regem por critérios de eficiência, se permitem fazer algumas coisas não só por razões de trabalho mas pelo gosto que elas lhes proporcionam.

Ainda por cima, retirando prazer dessa ligação afectiva ao livro, exibem o mesmo orgulho que certos galeristas sentiam ao ajudarem muitos pintores em princípio de carreira e com os quais acabaram por ganhar dinheiro mas que se consideram, mais que simples intermediários que apenas têm em mira a obtenção do lucro, verdadeiros *marchands d'art* cuja actividade é essencial ao florescimento da cultura e ao apadrinhamento de novos artistas.

* * *

A 19 de Maio de 2009 foi a obra posta à venda nas livrarias e o prémio com que fora galardoada foi-me entregue nesse mesmo dia

– dia do padroeiro dos advogados, Santo Ivo – em cerimónia da respectiva comemoração realizada no Auditório da Câmara Municipal de Portalegre.

Ficou a meu cargo a estopada da principal e única intervenção pois o acto foi encerrado com um curto discurso do Bastonário da Ordem dos Advogados, meu prezado colega Dr. António Marinho e Pinto. A reconstituição fiel do que disse na circunstância aí fica exarado:

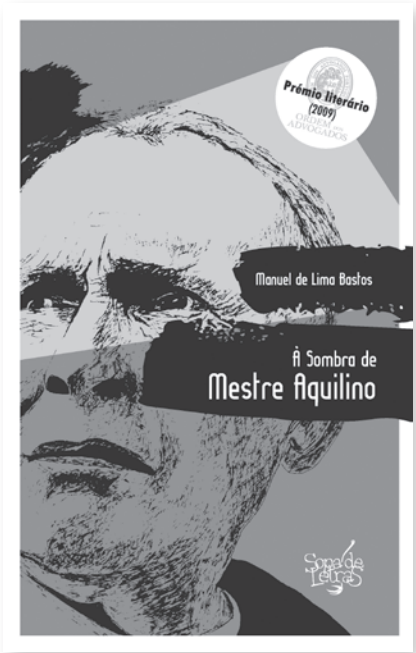
Quase em cima da hora encomendaram-me este sermão mas pediram-me que fosse breve. Trago aqui um pequeno papel onde anotei três ou quatro tópicos que entendo dever aflorar. É aquilo que os pregadores sacros de Setecentos, sobretudo os dominicanos, chamavam recordatorium *e tem a dupla vantagem de ajudar a não se perder o fio à meada e a não cometer o pecado grave da loquacidade. Mas a recomendação era desnecessária: primeiro porque não tenho grandes coisas a dizer e segundo porque os advogados, certamente por deformação profissional, estão habituados a falar somente quando lhes pagam, o que não é o caso.*

Uma questão prévia: sobre o meu texto, que mereceu a distinção do júri, não me apanharão uma única palavra. Quem se mete nestas coisas – ou noutras semelhantes – e abre a porta de sua casa para as deixar sair para o público, de certo modo elas deixam de lhe pertencer. Além de que considero insuportável presunção e até redutor para o entendimento da obra vir o seu autor discretear sobre o seu próprio trabalho.

Aproveito a presença do colega Bastonário para lhe dirigir duas palavras. Em trinta e tal anos de eleições para os diversos cargos da Ordem dos Advogados não tenho memória de ter votado em candidato que vencesse o sufrágio. Aqui há uns anos atrás apresentou-se como candidato a bastonário o nosso colega Dr. Carlos Candal, dos meus sítios de Aveiro, por quem tenho a maior estima a qual, suponho, ele faz o favor de retribuir. Votei nele e perdeu.

A seguir candidatou-se o Dr. Marinho e Pinto que nunca tinha visto nem mais gordo nem mais magro. Mas tenho um irmão, médico há quarenta anos ali pela sua zona de Coimbra, que o conhece

bem e me deu a informação de que era um colega que exercia o ofício desligado dos interesses, as mais das vezes crepusculares, de grandes escritórios sumptuosos como palácios de Salomão.
Votei nele e perdeu. Três anos depois tornou a concorrer ao cargo e eu voltei a dar-lhe o meu voto. Desta vez ganhou e eu fiquei satisfeito com o desfecho. Mas a verdade é que me fez abrir mão de um título em que tinha certo orgulho e que era o de ser do contra, como bom perdedor crónico e compulsivo.
Sei que a sua acção tem sofrido ataques de todos os quadrantes os quais, no meu entender, não primam nem pela razão nem pela elegância nem pela simples decência mas reconheço que não tenho acompanhado a controvérsia ao pormenor.
Tenho tido entre mãos alguns trabalhos de certa importância e até de alguma complexidade como, por exemplo, ir buscar os netos à escola todos os dias, acompanhá-los ao café para lhes pagar um gelado ou levá-los a comer uma pizza *que é coisa festiva muito do seu agrado.*
Mas dei-me conta da ferocidade da guerrilha. Não se admire, prezado colega Bastonário, que isto de meter ombros a endireitar o que está torto é empreitada de respeito e que tem muito que se lhe diga. Embora um pouco céptico quanto ao resultado não deixarei de me congratular se obtiver algum sucesso.
Como o Sr. Bastonário não precisa de mim para nada e eu não preciso do Sr. Bastonário para coisa nenhuma, considero que existe uma base sólida para o respeito e a cordialidade. Por isso, sem qualquer espírito de lisonja que é pecado que não estimo cometer apesar do rol das minhas actividades pecaminosas ser tão comprido como a légua da Póvoa, quero dizer, se isso lhe servir de algum consolo, que continuaria a ter o apoio do meu voto mesmo que soubesse o que sei hoje.
Faço questão em deixar uma palavra a um colega que vai ser homenageado com a medalha de ouro, a mais subida distinção da nossa Ordem: o Dr. Mário Brochado Coelho. Conhecemo-nos há mais de cinquenta anos quando nos passeamos por Coimbra e coincidimos ainda algum tempo no CITAC, ele a entrar e eu de saída. Depois fomo-nos encontrando lá muito de longe em longe



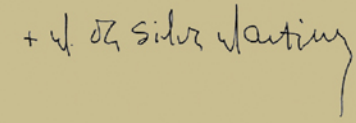
1.ª edição – Maio de 2009
144 páginas
145 x 230 mm
ISBN 978-972-8708-38-2
€ 9,59

Escrito por quem se reconhece «desprovido de títulos que» o «habilitem a exercer de crítico literário e» arrogando-se «apenas a qualidade de admirador da vida e leitor compulsivo da obra do Mestre», este livro de Manuel de Lima Bastos, cuja agradável leitura nos leva a conhecer melhor o autor de *Andam Faunos pelos Bosques*, cruza memórias pessoais, a paixão pela gastronomia, a caça, com figuras e locais do universo aquiliniano, num bem organizado guia ou roteiro, a que não falta a ironia e a crítica social, política e judiciária (bem patente, por exemplo, nas referências ao vergonhoso processo de *Quando os Lobos Uivam*). De difícil classificação, pois não é narrativa pura, nem ensaio, nem biografia, nem livro de memórias, nem crítica literária, sendo um pouco de tudo isso, *À Sombra de Mestre Aquilino* ficará certamente a integrar, com proveito, a bibliografia passiva daquele que é um dos escritores mais ricos, mais apaixonantes (e menos estudados) da literatura portuguesa, cuja importância só me parece ter paralelo no brasileiro João Guimarães Rosa, e que urge redescobrir, fazendo com que «regresse aos textos escolares donde foi vergonhosamente banida já em tempos de democracia», como denuncia oportunamente o autor.

José Manuel de Vasconcelos
(Presidente do Júri do Prémio Literário da Ordem dos Advogados)

Informações e encomendas
principia@principia.pt • www.principia.pt

«É o autor um especialista na arte de escrever e um homem que sabe e que sente.
A meu ver, a cultura anda à volta destes dois pólos, quero dizer, destes dois verbos:
saber e sentir».
«Aparece-nos como um mestre em habilidades.
Se as usasse para o mal, seria um homem de talento muito perigoso».
«Nem sempre concorda com os comportamentos de Deus
mas procura cuidadosamente não O magoar».
«E eu até caí na heresia de chegar a compará-lo com o seu ídolo Aquilino Ribeiro.
Quem não gosta de Aquilino?»



+ Manuel da Silva Martins
(Bispo Emérito de Setúbal)
a propósito de «À Sombra de Mestre Aquilino», Porto-Novembro de 2009

Manuel de Lima Bastos nasceu a 13 de Janeiro de 1940 em Santa Maria de Fiães, freguesia das Terras da Feira.
Segundo o próprio, «ocupou-se em viver a vida mas teve de interromper esta actividade para exercer o ofício de advogado durante mais de três décadas. Mantém-se vivo mas ninguém pode dizer até quando.»
Em 2009 publicou na Sopa de Letras «À Sombra de Mestre Aquilino», galardoado com o Prémio Literário Ordem dos Advogados.

www.sopadeletras.com.pt
ISBN 978-972-8708-47-4
9 789728 708474